

Maria Firmina dos Reis: mulher e escritora oitocentista

Melissa Rosa Teixeira Mendes*

Resumo

O presente artigo pretende analisar a figura da escritora maranhense oitocentista Maria Firmina dos Reis. Considerada por inúmeros críticos literários a primeira brasileira a escrever um romance, foi esquecida durante décadas. Dada sua considerável importância para a literatura brasileira, busca-se contribuir para um resgate da escritora, além de, a partir de sua análise, compreender a escrita feminina do século XIX.

Palavras-chave: Maria Firmina dos Reis, Século XIX, Brasil, História, Literatura.

Resumen

Maria Firmina dos Reis: mujer y escritora del siglo XIX - Este artículo analiza la figura de la escritora marañense del siglo XIX Maria Firmina dos Reis. Considerada por muchos críticos literarios la primera brasileña en escribir una novela, fue olvidada durante décadas. Debido a su gran importancia para la literatura brasileña, se busca contribuir a un plan de rescate de la escritora, a partir de su análisis, la comprensión de la escritura femenina decimonónica.

Palabras clave: Maria Firmina dos Reis, Siglo XIX, Brasil, Historia, Literatura.

Abstract

Maria Firmina dos Reis: woman and nineteenth-century writer - This article analyzes the figure of the nineteenth-century maranhense writer Maria Firmina dos Reis. Considered by many literary critics the first brazilian to woman write a novel, was forgotten for decades. Given its considerable importance for the brazilian literature, we seek to contribute to a bailout of the writer, and from his analysis, understanding the female writing eight.

Keywords: Maria Firmina dos Reis, Nineteenth Century, Brazil, History, Literature.

*Mestre em História pela Universidade Federal do Maranhão

1. Introdução

Maria Firmina dos Reis, escritora maranhense que publicou seu primeiro romance, *Úrsula*, em 1859, é desconhecida por muitos brasileiros fora de sua terra natal – e até mesmo no Maranhão há ainda grande ignorância em relação à figura da autora oitocentista.

Embora tenha contribuído assiduamente com a imprensa local durante a segunda metade do século XIX, sua obra foi praticamente esquecida até por volta de 1962, quando o bibliófilo Horácio de Almeida encontrou em um sebo do Rio de Janeiro uma edição fac-símile do romance *Úrsula*. Essa edição foi doada ao Governo do Maranhão e, em seguida reeditada (três edições vieram posteriormente, respectivamente em 1975, 1988 e 2004).

Já em 1973, Nascimento de Moraes Filho, escritor maranhense, encontra outros textos de Maria Firmina na biblioteca pública Benedito Leite (São Luís – MA) e, em 1975, publica uma biografia da autora, intitulada *Maria Firmina dos Reis: fragmentos de uma vida*. É também de 1975 um artigo de autoria de Josué Montello, *A primeira romancista do Brasil*, publicado no *Jornal do Brasil*.

Para diversos críticos, a escritora maranhense é considerada a primeira romancista brasileira. Seu romance de 1859 é de autoria própria, ao contrário do romance panfletário de Nísia Floresta, *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (1832), considerado uma livre tradução do livro *Vindications of the rights of woman* (Reivindicações dos direitos da mulher, 1792) da escritora inglesa Mary Wollstonecraft [1].

Já Teresa Margarida da Silva e Orta, que publicou o romance *Aventuras de Diófanes* (1752), também não poderia ser considerada a primeira brasileira a publicar um romance, pois segundo alguns críticos, como Heron de Alencar, a autora apenas nasceu no Brasil, sua formação foi completamente europeia e seu romance não exerceu influência na literatura brasileira, não dizendo respeito ao Brasil.

Apresentamos neste trabalho a autora maranhense Maria Firmina dos Reis, como mulher e escritora que, a partir do local social que ocupou durante a segunda metade do século XIX, interpretou o mundo ao seu redor e, dessa forma, elaborou seus textos. Nosso objetivo é tentar contribuir para não deixar a autora no esquecimento ao qual foi colocada durante tantos anos, desejando, assim, que novas pesquisas a seu respeito e de outras autoras brasileiras desconhecidas, sejam motivadas.

Além disso, a partir da análise de Maria Firmina dos Reis, pretendemos compreender a escrita feminina e seu acesso aos círculos literários – espaço social predominantemente masculino – durante o século XIX no Brasil.

2. A mulher

Maria Firmina dos Reis nasceu em 11 de outubro de 1825, na cidade de São Luís, capital da então província do Maranhão. Seus pais chamavam-se João Pedro Esteves e Leonor Felipa dos Reis; segundo consta da biografia or-

ganizada por Nascimento de Moraes Filho, era bastarda, seus pais não foram casados.

Cinco anos depois de seu nascimento, muda-se, com sua família, para a Vila de São José de Guimarães, município de Viamão, ainda na província do Maranhão. Vive em Guimarães até o dia de sua morte, em 11 de novembro de 1917, aos 92 anos.

Antes de iniciar suas atividades como escritora, Maria Firmina “disputa com duas concorrentes a vaga da cadeira de primeiras letras da cidade de Guimarães, e é a única aprovada” (MORAES FILHO, 1975, s.p.). Torna-se, então, professora de primeiras letras no ensino público oficial na cidade onde viveu até o fim de seus dias. Já em 1880, funda, na mesma cidade, uma aula mista e gratuita, ou seja, uma escola para alunos dos dois sexos, segundo Telles (2010, p. 412):

Um ano antes de se aposentar, com trinta e quatro anos de magistério público oficial, Maria Firmina dos Reis fundou, a poucos quilômetros de Guimarães, em Maçariçó, uma aula mista e gratuita para alunos que não pudessem pagar. Estava então com 54 anos. Toda manhã, subia em um carro de bois, para dirigir-se a um barracão de propriedade de um senhor de engenho, onde lecionava para as filhas do proprietário. Levava consigo alguns alunos, outros se juntavam. Um experimento ousado para a época.

Não era comum à época que meninos e meninas estudassem juntos. Segundo Raimundo de Meneses (1978, p. 570), essa escola mista “escandalizou os círculos locais, em Maçariçó [...] e por isso mesmo foi a professora obrigada a suspendê-la depois de dois anos e meio”. A escola mantém suas atividades por dois anos, porém, mesmo após seu fechamento, Maria Firmina continua ministrando aulas, eventualmente, para crianças da região. Muito embora Raimundo de Meneses afirme em seu *Dicionário Literário Brasileiro* que a escola mista de Maria Firmina foi fechada por haver sido motivo de escândalo na época, não temos como afirmar qual o real motivo do encerramento de suas atividades, uma vez que, para Sacramento Blake (1900, p. 483), em seu *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, fora pelo fato de que “o ensino era gratuito para quase todos os alunos, e por isso foi a professora obrigada a suspendê-la depois de dois anos e meio”.

Outro fato que nos chama a atenção é que a escola criada por Firmina oferecia ensino gratuito, o que diferia das demais escolas brasileiras, em que o ensino era pago. Isso demonstra, por um lado a elitização da educação no Brasil e, por outro, a preocupação de Maria Firmina em oferecer educação às camadas populares.

Segundo Moraes Filho (1975, s.p.), a escola criada por Maria Firmina foi “uma revolução social pela educação e uma revolução educacional pelo ensino, o seu pioneirismo subversivo de 1880”. Para Muzart (2000, p. 265) “o fato de ter fundado a primeira escola mista do país mostra as ideias avançadas de Maria Firmina para a época”, pois

subvertia “a ordem educacional vigente, ao quebrar o cânone moral oficializado, que segregava os sexos em aulas separadas” (MORAES FILHO, 1975, s.p.).

Subversiva ou avançada cabe compreender aqui Maria Firmina como uma mulher que viveu seu tempo, interpretou-o, percebendo as necessidades que havia em seu universo social. Pensava, talvez, pois, em buscar para os demais – seus alunos e alunas – uma realidade melhor do que aquela em que viveu. Realidade essa em que não haveria uma diferença ou um motivo para a separação de meninos e meninas nas escolas de primeiras letras, instância inicial do aprendizado social, ensinando-os a conviver, nas igualdades e diferenças, desde cedo.

Muito antes de fundar a escola mista, é publicado, em 1859, o romance *Úrsula*, que, logo após, recebe comentários positivos em diversos jornais locais.

Jornal do comércio – Noticiário OBRA NOVA – Com o título de *Úrsula* publicou a Sra. Maria Firmina dos Reis um romance nitidamente impresso que se acha à venda na tipografia do Progresso. Convidamos aos nossos leitores a apreciarem essa obra original maranhense, que, conquanto não seja perfeita, revela muito talento na autora, e mostra que se não lhe faltar animação poderá produzir trabalhos de maior mérito. O estilo fácil e agradável, a sustentação do enredo e o desfecho natural e impressionador põem patentes neste belo ensaio dotes que devem ser cuidadosamente cultivados. É pena que o acanhamento mui desculpável da novela escrita não desse todo o desenvolvimento a algumas cenas tocantes, como as da escravidão, que tanto pecam pelo modo abreviado com que são escritas. A não desanimar a autora na carreira que tão brilhantemente ensaiou, poderá para o futuro, dar-nos belos volumes – 4 de agosto de 1860. (apud MORAES FILHO, 1975, s.p.).

Jornal A moderação – Crônica Semanária ÚRSULA – Acha-se à venda na Tipografia do Progresso, este romance original brasileiro, produção da exma. sra. D. Maria Firmina dos Reis, professora pública em Guimarães. Saudamos a nossa comprovinciana pelo seu ensaio, que revela de sua parte bastante ilustração: e, com mais vagar emitiremos a nossa opinião desde já afiançamos não será desfavorável à nossa distinta comprovinciana. – 11 de agosto de 1860 (apud MORAES FILHO, 1975, s.p.).

Após a publicação do romance, Maria Firmina passou a contribuir assiduamente com a imprensa local. Publicou poesias em prosa e verso, charadas/enigmas, além de um conto – *A escrava* – e outro romance, *Gupeva*. Esse último “não foi enfeitado em livro, mas teve 3 (três) edições em folhetim num muito curto espaço de tempo – o que atesta eloquentemente o grande êxito popular desta original criação literária” (MORAES FILHO, 1975, s.p.). Escreveu

também alguns hinos e cantos. Segundo Mendes (2006, p. 19), Maria Firmina foi “autodidata, sua instrução fez-se através de muitas leituras – lia e escrevia francês fluentemente”.

Em seu álbum[2], segundo a própria Maria Firmina, um “livro da alma; é nele que estampamos os nossos mais íntimos sentimentos, os nossos mais extremos afetos; assim como as mais pungentes dores de nossos corações” (REIS apud MORAES FILHO, 1975, s.p.), um diário em que demonstrava muito de seus sentimentos mais íntimos, revelando tristeza, solidão e poucas alegrias, percebemos algumas características de sua personalidade, que muito influenciaram em sua escrita. Em janeiro de 1853, anos antes da publicação de *Úrsula*, Maria Firmina escreve nesse álbum:

9 de janeiro de 1853. Dia este que há de ser eternamente gravado em minha mente.

Uma lágrima sobre um túmulo.

Era a hora do silêncio e do repouso, hora mágica – misteriosa – grande – sublime – majestosa como Deus! Triste, melancólica como a imagem do túmulo... porém que para a minha alma, por isso que minha alma ama a melancolia!!... E eu te saudava hora mágica – e sublime!!!. E eu subia no cume do rochedo... E tu eras grande – e misteriosa como o mesmo Deus!!!...

[...] E eu chorava porque a meus pés estava um túmulo [...].

E ninguém partilhava minha dor!... [...] Mas a lua passava e o sepulcro já era tudo sombras: - e minha dor prosseguia, sempre ainda, sempre crescente!!

[...] Deus! Ajoelhei-me sobre a terra ainda revolta do sepulcro, e meu espírito sentiu amarga consolação. Por que? Por que Deus amerciouse de mim. Eu chorei sobre a sepultura mas era um pranto já mais resignado...

[...] (REIS apud MORAES FILHO, 1975, s.p.).

Nestes fragmentos que, parece-nos, Maria Firmina escreve após a morte de uma pessoa querida, a autora nos mostra a forma como reage diante da dor da perda. Seus textos, nesse álbum, são um amontoado de confissões sobre dor, tristeza, escuridão, sepulturas, velas, anjos, melancolia, desesperança e mesmo suicídio... “Oh! Te saúdo novo ano; mas, tu não trouxeste a esperança à minha alma!” (REIS apud MORAES FILHO, 1975, s.p.).

Tentar contra os meus dias, seria um crime contra Deus, e contra a sociedade; mas almejo a morte. Perdoai-me Deus de misericórdia! Mas a vida é-me assaz penosa, e eu mal posso suportá-la. O mundo é áspero e duro; mas não me queixo do mundo nem de pessoa alguma.

Minha compleição é débil, minha alma sensível, meus desgostos são filhos de meus caprichos (REIS apud MORAES FILHO, 1975, s.p.).

A morte é uma companheira que Maria Firmina desejou constantemente, como neste trecho datado de fevereiro de 1861: “o descanso de uma vida consumida, encontra-se na sepultura. O esquecimento das dores humanas, só ela oferece. Eu quero um dia de repouso, um dia de esquecimento. Campa!... campinha, eu te saúdo” (REIS apud MORAES FILHO, 1975, s.p.).

Em 1863, escreve um pequeno texto, em seu álbum, intitulado *Resumo da minha vida*, no qual apresenta-nos a forma como vê a si própria:

De uma compleição débil, e acanhada, eu não podia deixar de ser uma criatura frágil, tímida e por consequência melancólica: uma espécie de educação freirática, veio dar remate a estas disposições naturais. Encerrada na casa materna, eu só conhecia o céu, as estrelas, e as flores, que minha avó cultivava com esmero talvez, por isso eu tanto ame as flores; foram elas o meu primeiro amor. Minha irmã... minha terna irmã, e uma prima querida, foram as minhas únicas amigas de infância; e nos seus seios eu derramava meus melancólicos, e infantis queixumes; por-ventura sem causa, mas já bem profundos (REIS apud MORAES FILHO, 1975, s.p.).

Cresceu cercada pelas mulheres que a criaram – a mãe, a avó, a irmã e a prima – e de quem fala no fragmento acima; essas, por sua vez, ajudaram a moldar muito de sua personalidade. A casa não é a do pai, não é paterna: é a casa materna, dirigida por sua mãe, a chefe de sua família. Ela não fala de um homem, de uma figura masculina. Sua educação é freirática, ou seja, a educação voltada para os afazeres da casa, a organização do lar e influenciada pelos dogmas católicos, e é essa educação que ajuda a escritora a justificar sua maneira de ser e ver o mundo, uma educação que a limitou. Maria Firmina afirma ainda sobre sua juventude que “a mulher é como a flor, esta sonha meiguices ao despertar do sol, porque o sol que surge há de afaga-la” (REIS apud MORAES FILHO, 1975, s.p.), o que demonstra o quanto da representação social do século XIX sobre as mulheres incorporou. A mulher não é bruta, essa é a característica do homem. Ao contrário, a mulher é como uma flor, é frágil, é dócil, está ligada ao mundo do sentimento.

Além disso, em outras anotações desse mesmo álbum, Maria Firmina escreveu sobre duas amigas, comparando-as a anjos, afirmando que “eu as vi... eram duas virgens, duas virgens, meigas, belas, sedutoras, oh! Ainda as vejo!... Teresa... Alexandrina” (REIS apud MORAES FILHO, 1975, s.p.). Percebe-se aqui como a escritora descreve de forma idealizada pessoas próximas, também característica marcante de seu romance:

Úrsula, a mimosa filha de Luisa B..., a flor daquelas solidões [...] Esse anjo de sublime

doçura [...]. Bela como o primeiro raio de esperança [...]. Era ela tão caridosa... tão bela... e tanta compaixão lhe inspirava o sofrimento alheio, que lágrimas de tristeza e de sincero pesar se lhe escaparam dos olhos, negros, formosos, e melancólicos (REIS, 2004, p. 32-33).

Maria Firmina não se casou, foi *moça solteira* durante toda sua vida. Não há registro de que tenha se enamorado por alguém. Sobre o amor, conta que:

A sucessão dos anos apagou-me o fogo do coração, resfriou-me o ardor da mente, quebrou na haste a flor de minhas esperanças. [...] Amei eu já acaso? Não sei. Amor – acrescentarei eu, é uma paixão funesta – é o amor quem espreme no mundo tanto fel, tanta amargura, é quem torna a vida peso insofrível, por demais incômodo. [...] Entretanto o amor é tão necessário ao coração do homem, quanto o ar é necessário à vida. Amor, amor, deixemos aos poetas esse dom celeste e infernal, doce e amargurado, inocente e criminoso; não amemos. As ilusões fugiram, fugiram as esperanças (REIS apud MORAES FILHO, 1975, s.p.).

Essa passagem parece relatar que a autora sofreu por amor, sua vida é sempre apresentada como solitária e árdua. Seu texto tem tom romântico e melancólico. Fala de dissabores e desilusões que apenas a própria Maria Firmina tinha conhecimento. Seus escritos íntimos expressam constantemente a tristeza da separação. A autora está sempre vivenciando a perda de algo ou de alguém, o que dá uma nuance de lamentação em seus escritos, constantemente.

Amo a noite, o silêncio, a harmonia do mar, amo a hora do meio-dia, o crepúsculo mágico da tarde, a brisa aromatizada da manhã; amo as flores, seu perfume me deleita; amo a doce melodia dos bosques, o terno afeto de uma mãe querida, as amigas de minha infância, e de minha juventude, e sobre todas as coisas eu amo a Deus; e ainda assim não sou feliz; porque insondável me segue, me acompanha esse querer indefinível que só poderá encontrar satisfação na sepultura (REIS apud MORAES FILHO, 1975, s.p.).

Por mais belos os cenários que possam haver diante de nossa escritora e embora ela os ame, a morte é seu amor maior, seu amor mais desejado. Firmina cultua e admira a morte, chama-a constantemente, ela namora e se enamora da morte. Porém, essa é uma amante que só se apresentará a Maria Firmina quando ela se encontrar nonagenária. Amante mais amada e que se fez por demais ser esperada.

Sim, eu sou a lua: - e se Deus negou-me dela a beleza, o nítido albor, e o magnífico esplendor de formosura deu-me uma melancolia, sua palidez; e como ela a divagar no céu, deu-me que divagasse na terra; cismando como ela, à

noite, meditando saudades, e tristezas como ela medita (REIS apud MORAES FILHO, 1975, s.p.).

Maria Firmina não se vê bela, se vê como a Lua, eterna namorada da noite, luz que ilumina os sepulcros, chama que contempla a escuridão onde a morte se esconde. A Lua é bela, e Firmina é a Lua, porque é a Lua que traz a melancolia dos amantes separados... É à Lua que os apaixonados fazem confissões... A Lua, tão solitária no firmamento quanto Firmina na sociedade, pois o que ela sente e pensa “não os compreende ninguém; porque também a ninguém os revelo” (REIS apud MORAES FILHO, 1975, s.p.).

Firmina ainda escreve em seu álbum um texto intitulado *O que é a vida?* Respondendo à pergunta do título, ela nos diz que “será acaso a vida o respirar, o sorrir no trocar de cumprimentos banais e quantas vezes frívolos...”. A resposta é: não. A vida, para Maria Firmina não se resume ao cotidiano, aos atos sociais diários. Para ela, a vida “está nas lágrimas” (REIS apud MORAES FILHO, 1975, s.p.).

Amo as que verto na amargura pungente de minhas ternas desventuras; com elas alimenta-se minha alma, elas acalmam o rigor do meu destino. [...] Eu amo as lágrimas... Elas têm sido as companheiras da minha árdua e penosa existência; é nelas que me conforto, nelas é que me hei estribado para chegar ao breve termo da minha longa peregrinação... Amei-as na infância, porque elas embalavam-me docemente em ilusório sentir; eu as invocava por simpatia. Depois o amor – e o amor – não pode vigorar sem lágrima (REIS apud MORAES FILHO, 1975, s.p.).

Nota-se que a autora possuía um individualismo romântico profundo, com características do Ultrarromantismo ou estilo Gótico, estilo que remetia à Idade Média e recorria a imagens criadas a partir de uma visão sombria, com cenários sobrenaturais, como ruínas e cemitérios, os tão cultuados sepulcros presentes na escrita firminiana, outra característica presente em seu primeiro romance:

Silencioso e ermo estava então o cemitério de Santa Cruz, e só o vento, que sibilava entre o arvoredo ao longe, e que mais brando gemia tristemente nessa cidade da morte, e que quebrava a solidão monótona e impotente desse lugar do esquecimento eterno! (REIS, 2004, p. 154).

Além de revelar pensamentos íntimos, neste álbum Firmina informa, em uma breve e única passagem, sobre a existência de um filho adotivo que ela mesma batizou com o nome de Renato. Ao que consta em seu relato, a mãe da criança morreu cinco dias após dar à luz. Pouco depois da morte da mãe biológica, alguém, que Firmina não nomeia no relato, confiou o pequeno aos cuidados dela:

Renato – creio que assim se chamará o pequeno órfão que recebi para não mais aleitar. Inocentinho, coitado! Nasceu a 6 de dezembro de 1862. No dia 11 do mesmo mês Deus foi servido para seus insondáveis mistérios chamar-lhe a mãe. [...] Criança que me foi confiada por pessoa que por ela se interessava em Alcântara, a 30 de janeiro de 1863. Talvez um dia a reclamem seus pais: foi essa condição com que ma confiaram (REIS apud MORAES FILHO, 1975, s.p.).

Ainda escrevendo sobre seu filho adotivo, Renato, Maria Firmina desabafa seus sentimentos com a morte da criança em fragmento do álbum datado de junho de 1863:

Renato! Renato, meu filho adotivo, meu pobre anjinho, já não existes!... Que fatalidade, meu Deus!... É duro ver-se morrer aquela a quem se dedica afeição quase materna. Dez dias de sofrimento... dez dias. Renato, pobre florzinha açoitada pelo furacão quebrou na haste ainda tão débil e tão mimosa... [...] Que loucura! Perdoai-me Senhor, mas, me criaste tão fraca, tão sensível à dor!!! (REIS apud MORAES FILHO, 1975, s.p.).

Outra vez percebe-se o sentimentalismo e a forma como Maria Firmina compreende a si mesma: como um ser frágil e uma mulher religiosa. Em seu diário, Firmina invoca o nome de Deus, do Senhor, inúmeras vezes como também o faz no romance *Úrsula*. Essa religiosidade será característica marcante de sua vida e de seus escritos, a tal ponto que “um dia... resolve libertar-se, de vez, da sociedade e de si mesma!... e pensa no suicídio!... Mas a religião detém-na no momento de saltar no abismo! E então, tomando consciência de si, recua apavorada” (MORAES FILHO, 1975, s.p.).

Porém, apesar de, na maioria de seus escritos a que se teve acesso através dos fragmentos do álbum, serem carregados de tristeza e apelo à morte, algumas vezes Firmina expressava uma alegria contida com a felicidade de familiares, parentes e amigos próximos.

É a simpatia que de há muito votei a Raimundo M. L. que me deu forças para segui-lo de perto em todas as fases de sua vida: que me levou ao dulcíssimo prazer que ontem experimentei, e que há de deixar sempre em meu coração. Eu vi-o unir-se ontem, pelos sacrossantos laços do matrimônio, a uma virgem cândida, e pura como um anjo de Deus (REIS apud MORAES FILHO, 1975, s.p.).

Sua alegria não reside em si mesma, mas na felicidade das pessoas que ama. Firmina consegue ver a beleza e a alegria da vida não nela própria e em seu caminhar, mas nas pessoas com quem convive e por quem nutre afeto.

Os fragmentos do álbum firminiano contidos na biografia feita por Nascimento de Moraes Filho são poucos.

Além desses fragmentos, o escritor maranhense conseguiu entrevistar algumas pessoas da família de Maria Firmina e alguns de seus ex-alunos, que, à época da entrevista, já contavam com idade um pouco avançada. Segundo entrevista feita por Moraes Filho ao Sr. Leude Guimarães, parente de Firmina:

Quando vim para São Luís, depois de sua morte [de Maria Firmina] trouxe muitos manuscritos seus. Eram cadernos com romances e poesias e um álbum onde havia muita coisa de sua vida e de nossa família. Mas os ladrões, um dia, entraram no quarto do hotel onde estava hospedado, arrombaram o baú, e levaram tudo o que nele havia. Só me deixaram, de recordação, os restos desse álbum, que encontrei pelo chão (MORAES FILHO, 1975, s.p.).

Dessa forma, muito do que se poderia conhecer e compreender a respeito de Maria Firmina dos Reis foi perdido. Muito de sua obra, de sua vida, de seus pensamentos, não chegará ao público.

3. A escritora

Desconhece-se a forma como Maria Firmina dos Reis conseguiu publicar seu romance em uma época em que as mulheres possuíam praticamente nenhum acesso às letras. Talvez pela influência de seu primo, Francisco Sotero dos Reis[3], figura ilustre, intelectual respeitado no Maranhão oitocentista. Talvez por outros conhecimentos, outros meios. O tempo não deixou um único vestígio, um indício, mesmo que pequeno e simples, sobre essa questão. Mas tenta-se compreender se havia ou não, partindo do que já foi exposto, possibilidade de que as mulheres tivessem acesso ao campo literário naquele período no Maranhão. Maria Firmina dos Reis publicou o romance assinando como *por uma maranhense*. Na chamada sobre a publicação do romance, pela *Tipografia do Progresso* consta:

ÚRSULA

ROMANCE BRASILEIRO

POR

UMA MARANHENSE

UM VOLUME EM PREÇO DE 2\$000

Esta obra, digna de ser lida não só pela singeleza e elegância com que é escrita, como por ser a estreia de uma talentosa maranhense, merece toda a proteção pública para animar a sua modesta autora a fim de continuar a dar-nos provas do seu belo talento.

Assina-se nesta tipografia.

Tip. do Progresso – Imp. por B. de Mattos –
1860

A IMPRENSA

São Luís, 18 de fevereiro de 1860

n^o 11

Muitas mulheres acabaram por optar publicar seus escritos de duas formas: a primeira, como no caso de Firmina, intitulado-se *uma maranhense*[4] (uma senhora, uma brasileira, entre outros) que não especificava exatamente quem era essa maranhense, mas deixava claro que era uma mulher; ou, uma segunda forma era a adoção de pseudônimos masculinos. Em ambos os casos, havia uma tentativa de adentrar-se, com um pouco mais de liberdade, no universo letrado, dominado, quase que exclusivamente por homens, além de tentar burlar o preconceito da época. Segundo o jornal *A Verdadeira Marmota*, sobre a publicação do romance *Úrsula*:

A autora de *Úrsula*

Raro é ver o belo sexo entregar-se a trabalhos do espírito, e deixando os prazeres fáceis do salão propor-se aos afãs das lides literárias.

[...]

Se é, pois, cousa peregrina ver na Europa, ou na América do Norte, uma mulher, que, rompendo o círculo de ferro traçado pela educação acanhada que lhe damos, nós os homens, e indo por diante de preconceitos, apresentar-se no mundo, servindo-se da pena e tomar assento nos lugares mais proeminentes do banquete da inteligência, mais grato e singular é ainda ter de apreciar talento formoso, e dotado de muitas imaginações [...].

Oferecemos hoje aos nossos leitores algumas de suas produções, que vêm dar todo o brilho e realce à nossa “Marmota”, que ufana-se de poder contar doravante com tão distinta colaboradora, que servirá por certo de incentivo às nossas belas, que talvez com o exemplo, cobrem ânimo, e se atrevam a cultivar tanto talento, que anda acaso por aí oculto.

O belo sexo não deve viver segregado de tão sublime arte [...] tome a senda que lhe abre com tão bons auspícios, rodeada de aplausos merecidos, D. Maria Firmina dos Reis [...] (A VERDADEIRA MARMOTA 13 maio 1861).

Nota-se que a partir de agosto de 1860, os anúncios nos periódicos já informam o nome da autora do romance *Úrsula*; acredita-se que esse fato ocorreu devido à sua boa recepção. O anúncio acima, além de ter a intenção de levar

as senhoras e senhoritas a se interessarem pela leitura do romance, também procurou incentivar as mulheres a publicarem seus escritos e mesmo as que já publicavam em jornais, com pseudônimos masculinos, a assumirem sua autoria.

Deve-se recordar que se nessa época houve pouca ou quase nenhuma contribuição das mulheres com a escrita, isso se deve ao fato de que, durante todo o século XIX, o Maranhão vivia sob a égide do patriarcalismo. Sustentando a visão patriarcal estavam os dogmas religiosos da Igreja Católica. Esses dois pontos convergiam para representar a mulher como uma figura subalterna e dependente do homem. Motivos esses que faziam que as mulheres desse período tivessem quase nenhum acesso à educação e, conseqüentemente, ao campo literário.

Destaca-se que embora uma mulher, mesmo como Maria Firmina dos Reis, para os padrões conceituais do século XIX brasileiro, não poderia ser entendida em seu tempo como uma intelectual, uma vez que esse conceito – ou o de letrado, termo que faz referência, durante o século XIX, à noção de intelectual –, detentor de um saber-poder, ligava-se à figura masculina. Apesar dessa visão que inferiorizava intelectualmente as mulheres, acredita-se que Maria Firmina possa ser vista como uma letrada em seu tempo, tendo em vista suas contribuições, sua participação ativa nos jornais e na educação local, além do fato de ter criado uma escola mista e gratuita, fugindo aos padrões convencionais de sua época.

Segundo Chartier (1997, p. 120), “o homem de letras”, seria uma espécie de enciclopedista, um homem que possui conhecimentos em todas as áreas do saber, um “belo espírito” dotado de “imaginação brilhante nos prazeres da conversa, sustentados pelas leituras correntes”. Por essa definição, um intelectual no século XIX seria, portanto, aquele homem que estuda e lê constantemente sobre diversos assuntos e que convive socialmente, demonstrando nessa sociabilidade com seus pares os saberes adquiridos.

Analisando essa definição, percebe-se que as mulheres da primeira metade do século XIX estavam excluídas da ideia de intelectualidade. Destacam-se dois pontos no conceito de “letrado” proposto por Chartier, o primeiro diz respeito à questão do acesso à leitura, à educação; o segundo está relacionado à mobilidade e ao convívio social, dessa forma:

Considerando o pressuposto de que o ‘homem de letras’ é aquele que detém o saber, a mulher encontrou aí um persistente empecilho para seu reconhecimento enquanto intelectual, uma vez que a ela foi negado durante muito tempo o direito à educação. As discussões datam do século XIX, alguns defendiam a educação como forma de libertação da mulher, outros acreditavam que era necessária uma educação voltada à formação moral, uma educação controlada, pois, para ser mãe e esposa virtuosa, a formação do caráter seria mais importante que os conhecimentos instrutivos. Assim, justificava-se uma formação voltada, sobretudo às

prendas domésticas, ao cuidado do lar e dos filhos, uma “educação da agulha” que não ameaçasse a estrutura familiar e que não deixasse vago o papel social atribuído à figura feminina: o de mãe e esposa (DUARTE, 2009, p. 12).

Como a mulher do século XIX estava destinada ao aprendizado dos afazeres domésticos, destinou-se a ela o espaço privado do lar, estabelecendo assim um convívio social que não primava pelo aprendizado de um ofício externo ao âmbito doméstico. Assim, o convívio social feminino resumia-se, em muitos casos, aos salões, aos bailes, ou às visitas à casa de outras mulheres, tão desprovidas de instrução quanto às outras.

Retomando o caso de Firmina, por exemplo, uma mulher que possuiu um ofício externo ao lar (era professora) e que adentrou em um espaço considerado exclusivo aos homens, os elogios que recebeu na imprensa estavam sempre ligados a uma visão que definia a mulher como um ser delicado (a ideia de *sexo frágil*). Por esse motivo, seus escritos sempre eram vistos como simples, quando comparados com os de escritores masculinos, como nesta passagem de um jornal local: “convidamos aos nossos leitores a apreciarem essa obra original maranhense, que, conquanto não seja perfeita, revela muito talento da autora” (JORNAL DO COMÉRCIO, 4 ago.1860); e ainda afirma que “é pena que o acanhamento mui desculpável da novela escrita não desse todo o desenvolvimento a algumas cenas tocantes” (JORNAL DO COMÉRCIO, 4 ago.1860). Outro jornal local afirmava que “a poesia é dom do céu, e a ninguém dotou mais largamente a divindade do que ao ente delicado, caprichoso e sentimental – a mulher” (A VERDADEIRA MARMOTA, 13 maio 1861).

Embora nesse período o único gênero autorizado a falar, nomear, dominar e exercer seu poder e visão de mundo fosse o masculino, “mesmo assim, foi a partir dessa época que um grande número [em comparação com os períodos anteriores] de mulheres começou a escrever e publicar, tanto na Europa quanto nas Américas” (TELLES, 2010, p. 403).

Esse maior número de escritoras que começou a surgir no século XIX, deve-se a fatores como a mudança de mentalidade em torno da educação feminina, principalmente após a divulgação do pensamento Positivista – que entendia a mulher como primeira educadora dos futuros homens de uma nação. Dessa forma, seria necessário educá-la, para que ela pudesse formar corretamente os próprios filhos – e, no caso do Brasil, com a maior quantidade de livros europeus que passaram a circular na colônia com a chegada da Família Real. Vale lembrar que “a conquista do território da escrita, da carreira de letras, foi longa e difícil para as mulheres no Brasil” (TELLES, 2010, p. 409). Até mesmo adentrar no magistério foi complicado para as mulheres da primeira metade do século XIX:

A identificação da mulher com a atividade docente, que hoje parece a muitos tão natural, era alvo de discussões, disputas e polêmicas. Para alguns parecia uma completa insensatez

entregar às mulheres usualmente despreparadas, portadoras de cérebros “pouco desenvolvidos” pelo seu “desuso” a educação das crianças. [...] Outras vozes surgiam para argumentar na direção oposta, afirmavam que as mulheres tinham, “por natureza”, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras e “naturais educadoras”, portanto nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequeninos (LOURO, 2010, p. 450).

As conquistas foram lentas e graduais e foram travadas por mulheres que não colocaram em primeiro lugar *o que os outros vão dizer* e que tentaram livrar-se da tirania do alfabeto, tendo primeiro de aprendê-lo para depois deslindar os mecanismos de dominação nele contidos (TELLES, 2010, p. 410). E mesmo indo de encontro às estruturas sociais estabelecidas, muitas dessas mulheres foram criticadas e seus textos vistos como esteticamente ruins, além disso, seus conteúdos eram constantemente comparados a de escritores homens, a partir de um ponto de vista que as inferiorizava.

Porém, se os textos femininos do século XIX foram considerados frágeis, sem conteúdo profundo, fora dos padrões e cânones literários da época, essa situação devia-se ao tipo de educação que se destinou a essas mulheres. Como aprofundar e escrever textos de qualidade quando não tinham acesso a uma educação que as fizesse refletir profundamente sobre a sociedade na qual estavam inseridas? Segundo Telles (2010, p. 406), “a situação de ignorância em que se pretende manter a mulher é responsável pelas dificuldades que encontra na vida e cria um círculo vicioso: como não tem instrução não está apta a participar da vida pública, e não recebe instrução porque não participa dela”.

Longe de serem textos frágeis os escritos femininos do século XIX (e mesmo do início do século XX), revelam a situação na qual se desejava manter a mulher: uma situação de ignorância plena, na qual elas, ao prepararem-se para serem as *rainhas do lar*, não poderiam criticar ou rebelar-se contra o sistema patriarcal que as dominava.

O século XIX não via com bons olhos mulheres envolvidas em ações políticas, revoltas e guerras, em geral. As interpretações literárias das ações das mulheres armadas, em geral, denunciam a incapacidade feminina para a luta, física ou mental, donde concluem que as mulheres são incapazes para a política, ou que esse tipo de ideia é apenas diversão passageira de meninas teimosas que querem sobressair (TELLES, 2010, p. 407).

Ainda assim, mesmo excluídas de participação na vida intelectual, pública e, conseqüentemente, política, algumas mulheres conseguiram escrever textos que chegam a domínio público ainda hoje e a partir dos quais se pode entrever a forma como interpretavam o mundo no qual estavam inseridas. No caso de Maria Firmina dos Reis, muito embora tenha escrito um romance, contribuído com

a imprensa maranhense, não foi vista como uma intelectual, pois esse lugar social era exclusivo dos *homens de letras*, dessa forma:

Excluídas de uma efetiva participação na sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos públicos, de assegurarem dignamente sua própria sobrevivência e até mesmo impedidas do acesso à educação superior, as mulheres no século XIX ficavam trancadas, fechadas dentro de casas ou sobrados, mocambos e senzalas, construídos por pais, maridos e senhores. Além disso, estavam enredadas e constritas pelos enredos da arte e da ficção masculina. Tanto na vida quanto na arte, a mulher no século passado aprendia a ser tola, a se adequar a um retrato do qual não era a autora. As representações literárias não são neutras, são encarnações ‘textuais’ da cultura que as gera (TELLES, 2010, p. 408).

Essas comparações feitas entre os textos de escritores e escritoras mostram que havia um “duplo padrão da crítica, isto é, critérios diferenciados para julgar ou comentar obras de homens e obras de mulheres” (TELLES, 2010, p. 422). Para a maioria dos críticos no século XIX, “as escritoras deveriam permanecer no seu lugar; aquele lugar que lhes era atribuído e se situava bem longe da esfera pública” (TELLES, 2010, p. 422). Dessa forma, tal como o homem não deveria interferir em assuntos de mulheres, àqueles relacionados à organização e administração do lar; assim também as mulheres não deveriam intrometer-se nos assuntos dos homens, àqueles relacionados às tarefas públicas.

Além do fato de que o homem não pode, sem derrogação, rebaixar-se a realizar certas tarefas socialmente designadas como inferiores (entre outras razões porque está excluída a ideia de que ele possa realiza-las), as mesmas tarefas podem ser nobres e difíceis quando são realizadas por homens, ou insignificantes e imperceptíveis, fáceis ou fúteis, quando são realizadas por mulheres, como nos faz lembrar a diferença entre um cozinheiro e uma cozinheira, entre o costureiro e a costureira; basta que os homens assumam tarefas reputadas femininas e as realizem fora da esfera privada para que elas se vejam com isso enobrecidas e transfiguradas (BOURDIEU, 2010, p. 75).

Pode-se considerar a diferença que havia, nesse período, entre as críticas relacionadas aos escritores e às escritoras. A poesia, por exemplo, é um texto literário que envolve o sentimentalismo, e o sentimento, a emoção eram características ligadas às imagens que se faziam das mulheres nesse período – e ainda hoje. Porém, quando um homem escrevia poesias de cunho sentimental, profundo, falando de amor, dor, entre outros, notava-se críticas extremamente positivas a esse respeito, enaltecendo o valor de suas

obras. Ao contrário da mulher que, ao exercer o mesmo tipo de texto, no máximo recebia elogios carinhosos, como se sua escrita fosse um ornamento, uma distração, não uma profissão.

A própria Maria Firmina, no Prólogo de *Úrsula*, demonstra o quanto incorporou da visão do dominador:

Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo (REIS, 2004, p. 13).

Firmina tinha consciência de que seu texto, para os letrados, para a crítica da época, seria inferior quando comparado às obras masculinas, pois, primeiro fora escrito por uma mulher – brasileira – e segundo por uma mulher que não teve uma instrução adequada, como a de seus contemporâneos escritores, “Gonçalves Dias (1823-1864), o grande poeta romântico nascido no Maranhão, estudou em Coimbra, enquanto sua conterrânea estudou sozinha” (TELLES, 2010, p. 410).

4. Conclusão

De acordo com o que foi apresentado até aqui, nota-se que à mulher do século XIX não era de fácil permissão o acesso ao campo literário, local exclusivo de disputas do poder masculino. Não há, por exemplo, nenhuma referência ao nome de Maria Firmina dos Reis ao conjunto de escritores/intelectuais que compunham a chamada *Athenas Brasileira* [5]. Também não há referências de que Maria Firmina tenha frequentado salões ou clubes literários, espaços de sociabilidade dos chamados *homens de letras* durante o século XIX.

Durante o período imperial, no Brasil, houve quase que uma total ausência da mulher nas esferas política e artística, ou seja, os papéis sociais de homens e mulheres estavam deveras bem definidos. A mulher não podia – ou não deveria – ocupar-se de atividades entendidas como essencialmente masculinas.

Porém, mesmo com essas restrições, algumas mulheres conseguiram escrever em jornais e publicar alguns livros – como foi o caso de Maria Firmina dos Reis. Mas, essas mulheres escritoras não eram vistas com a mesma profundidade intelectual com a qual eram observados os homens que desempenhavam o mesmo ofício. A mulher, mesmo quando conseguia algum destaque no campo literário, era vista como inferior ao homem, sendo seus textos considerados frágeis.

Notas

[1] Segundo Constância Lima Duarte, principal estudiosa de Nísia Floresta, o que a autora teria feito foi uma livre

adaptação do texto de Mary Wollstonecraft para a realidade brasileira.

[2] Espécie de diário que a própria Maria Firmina intitula “álbum” e que foi compilado por Nascimento de Moraes Filho na biografia que escreveu sobre a escritora.

[3] Era prima de Francisco Sotero dos Reis por parte de mãe, segundo Muzart (2000, p. 264).

[4] Não só no Brasil, mas em outros países da Europa, como na Inglaterra, quando da publicação de seus romances *Orgulho e Preconceito* e *Razão e Sensibilidade*, por exemplo, Jane Austen assinou *By a lady* (Por uma dama).

[5] “A menção à *Athenas Brasileira* surgida na década de quarenta do século XIX, em virtude dos arroubos românticos” (BORRALHO, 2010, p. 47) expressava o conjunto de intelectuais maranhenses que se destacou no cenário literário brasileiro, com nomes como os de Viriato Corrêa, Humberto de Campos, Arthur Azevedo, Aluísio Azevedo, Coelho Neto, Sotero dos Reis, Odorico Mendes, entre outros. Segundo Lacroix (2008, p. 77) “entre 1830 e 1870, uma plêiade de intelectuais se destacou no cenário nacional, chegando a dar à Província, o cognome de *Athenas Brasileira*, título conservado por bastante tempo no Brasil republicano”.

Referencias

- BLAKE, Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900.
- BORRALHO, José Henrique de Paula. *Uma Athenas equinocial: a literatura e fundação de um Maranhão no Império brasileiro*. São Luís: Edfunc, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- CHARTIER, Roger. *O Homem de Letras*. In: VOVELLE, Michel. (Org.), *O Homem do Iluminismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1997, p. 119-53.
- DUARTE, Constância Lima; PAIVA, Kelen Benfenatti. *A mulher de letras: nos rastros de uma história*. Revista *Ipotesi*, v. 13, n. 2, Juiz de Fora, 2009.
- DUARTE, Eduardo de Assis. *Maria Firmina e os primórdios da ficção Afro-brasileira*. In: *Úrsula*. Atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.
- LOURO, Guacira Lopes. *Mulheres na sala de aula*. In: PRIORI, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.
- MENESES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. Prefácio de Antônio Candido; apresentação de José Ederaldo Castello. 2 ed. ver. aum. e atualizada. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978, p. 570-571.
- MORAES FILHO, José Nascimento. *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*. São Luís: COCSN, 1975.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. *Maria Firmina dos Reis*. In: MUZART, Z. L. (Org.). *Escritoras Brasileiras do*

- século XIX. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000, p. 264- 284.
- REIS, Maria Firmina dos. Úrsula. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004. 288 p.
- TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary Del. História das mulheres no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2010.